

SEMINÁRIO: ESCUTA TERAPÊUTICA: SONS, SILÊNCIOS E PALAVRAS

MARCIA MARIA MENIM
Psicóloga CRP-08/0453

Chegamos ao III Milênio detentores de um grande conhecimento tecnológico, conhecemos muito sobre muitas coisas...Contudo, nossa alma continua sendo negligenciada e a maior prova disso são os vícios, a violência, o pânico, a depressão, ou de modo mais "sutil", a perda de sentido da vida.

É assim que a maioria dos clientes chegam até nós- "des-anima-dos". Seres que tem uma dor de alma, ou na alma e que nem ao menos sabem que possuem uma.

Se lançarmos mão do pensamento renascentista, poderemos dizer que a alma está no meio do caminho entre a compreensão e o inconsciente. E mais, que o seu instrumento não é exclusivamente nem a mente, nem o corpo, mas também a imaginação.

Cuidar da alma é alimentarmo-nos de profundidade, de intimidade, de imagens. É preocuparmo-nos com a qualidade daquilo que experienciamos, e não com a quantidade do que podemos obter. É sobretudo, desenvolvermos a observação e a participação por inteiro em tudo aquilo que nos rodeia, sem "escapismos".

É também fluir como flui a água nas corredeiras de um rio e encantarmos-nos ou nos amedrontarmos com os desígnios da vida.

Assim ao recebermos uma pessoa como cliente, nosso maior desafio é como iremos nos colocar diante dela, para podermos apreciar completamente o SIGNIFICADO, a ABRANGÊNCIA, a PROFUNDIDADE da experiência particular e única daquela pessoa.

Aceitar uma pessoa como nosso cliente é disponibilizar-se para uma viagem através do mundo de representações desta pessoa, usando neste encontro o seu próprio self (refiro-me ao self do terapeuta) A "presença" que surge não pode ser meramente técnica, pois se assim o for, estaremos provavelmente re-editando mais uma das "N" desconirmações a que foi submetido na vida.

Paradoxalmente, precisamos estar muito informados sobre patologias, diagnósticos diferenciais, manejos técnicos, para, diante do cliente nos "esvaziarmos" deste conhecimento e apenas exercitarmos a PRESENÇA

Tanto os filósofos renascentistas quanto psicólogos como R. Hycner, ou James Hillman falam que cada pessoa é um poema esperando para ser escrito. Cabe ao terapeuta ECOAR o ritmo e a rima deste indivíduo. Seguramente esse poema esteve escondido, por anos de experiências infelizes e até cruéis. Só uma abertura amorosa poderá favorecer a emergência do belo.

Há uma máxima chinesa que diz que um médico sem a própria ferida não é um bom médico. Para "dançarmos" com o cliente, teremos que ter vivido e CUIDADO de nossa própria dor.

Por que ousar falar em "dança"? Porque quando se dança a dois há uma tensão rítmica para que os passos sejam efetivados. Seguir os passos que o cliente dá, rastreando o significado de suas experiências vai construindo uma relação onde o cimento é a confiança- elemento indispensável para que os mergulhos na nossa porção mais confusa, doente, possam ocorrer.

Qual o risco para o terapeuta que segue essa abordagem? Certamente é imenso! É preciso abandonar as certezas que a nosografia nos dá (?) e desenvolver uma tensão rítmica entre estar centrado em si mesmo e, mesmo assim, ir em direção ao cliente, onde quer que ele esteja.

Nesta construção, tanto terapeuta quanto cliente vão desenvolvendo e/ou ampliando um olhar psicológico para o mundo e com isso estarão apreendendo a alma do mundo. Esta, seguramente é uma visão diametralmente oposta a um puro insight mental, ou a uma investigação intelectual

Se considerarmos que nossas dificuldades são nossa força vital, não podemos nos "curar" dos nossos sintomas, mas sim ouvi-los, reconhecer o que eles tem a nos dizer e finalmente integrá-los.

"A vida é um mistério a ser vivido, não um problema a ser resolvido"

Gabriel Marcel